

Língua (portuguesa) e identidade:
traços do falar maranhense
*(Portuguese) Language and identity:
aspects of Maranhão speech*

Layane Kessia Pereira Sousa*

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Maranhão, Brasil

Paulo Círio Silva**

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Maranhão, Brasil

José de Ribamar Mendes Bezerra***

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Maranhão, Brasil

Resumo: O presente trabalho abordará conteúdos relacionados ao léxico da língua portuguesa no Brasil e, em especial, no estado do Maranhão. Serão apresentadas discussões voltadas à composição do falar maranhense evidenciando as influências dos diferentes povos (indígenas e não indígenas) que ajudaram a criar a identidade linguística do estado. As pesquisas realizadas por professores do Projeto ALiMA (Atlas Linguístico do Maranhão) que trabalham as variações da língua no Maranhão e por autores como, Antunes (2009) e Ilari e Basso (2007), que realizam e publicam estudos sobre a identidade linguística de um povo em geral e as variações da língua no Brasil, tornaram-se ferramentas de estudo essenciais para o desenvolvimento deste trabalho, que visa a mostrar que a língua portuguesa (falada e escrita) é variável tanto no Brasil quanto no estado do Maranhão, demonstrando que não há homogeneidade linguística dentro de um mesmo território. Além disso, embasaremos o artigo nos diferentes

* Graduada em Letras pela Universidade Federal do Maranhão. E-mail: layane.sousa2113@gmail.com.

** Graduando em Letras pela Universidade Federal do Maranhão. E-mail: cirio.usa@gmail.com.

*** Professor do Departamento/CCH de Letras da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: comendesufma@gmail.com.

níveis de variação, com maior atenção às variações fonético-fonológica e semântica de diversas palavras utilizadas em São Luís, capital do estado, em relação a algumas cidades do interior maranhense. Apresentaremos termos linguísticos utilizados na fala dos maranhenses por meio de um pequeno dicionário popular que descreve seus significados.

Palavras-chave: Língua. ALiMA. Identidade. Variação.

Abstract: The present work deals with contents related to the lexicon of Brazilian Portuguese, especially in the state of Maranhão. Discussions will be carried out on the dialect composition of Maranhão, highlighting the influences of different people (indigenous and non-indigenous) that helped create its linguistic identity. The study was theoretically guided by researches developed by professors from ALiMA (Linguistic Atlas of Maranhão) and by authors such as Antunes (2009) and Ilari e Basso (2007), which produced and published surveys focused on the linguistic identity of people in general and variations of Brazilian Portuguese. This paper attempts to demonstrate that (spoken and written) Portuguese language varies not only in Maranhão, but also in the whole country, therefore demonstrating the lack of homogeneity in the language inside the same territory. Furthermore, the study emphasizes different levels of language variation with greater attention to phonetic-phonological and semantic variations of many words used in São Luís, the state capital, in relation to some other cities in the countryside of the state. Linguistic terms commonly found in the dialect of Maranhão will be presented through the use of a small popular dictionary that describes their meanings.

Keywords: Language. ALiMA. Identity. Variation.

1 INTRODUÇÃO

A língua portuguesa, assim como qualquer idioma no mundo, passou por grandes mudanças no decorrer dos séculos. A era colonial na América portuguesa (séculos XVI a XIX) e a imigração, durante o século XX, dos povos europeus e de outros lugares do mundo, ao Brasil, foram momentos cruciais para a transformação da língua portuguesa no país que atualmente conta com aproximadamente

190.732.694 habitantes (dados do IBGE em 2010), sendo a nação com o maior número de falantes do idioma no mundo. Não podemos esquecer que além de Brasil e Portugal há outros países lusófonos espalhados pelo mundo, como Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste.

Quando se fala em português brasileiro (doravante PB), deve-se lembrar que no Brasil há diversas variedades linguísticas. Em nosso país, as pessoas que vivem nas diferentes regiões não falam da mesma forma; cada região e até mesmo cada estado brasileiro têm seu sotaque e suas variações. Nesse sentido, Antunes (2009, p. 23) nos diz o seguinte: “pela língua afirmamos: temos território; não somos sem pátria. Pela língua, enfim, recobramos uma identidade”. Basta observarmos a conversa entre um paulista e um maranhense ou entre um brasileiro e um português e as características linguísticas de cada falante serão logo percebidas, demonstrando que a língua portuguesa falada no Brasil passou por um processo de heterogeneidade, tornando-se variável, com diversos sotaques e modos de falar.

No Brasil, há muitas discussões em relação a este assunto que gera opiniões preconceituosas quanto ao modo de falar das pessoas de diferentes regiões do país. Há os que acreditam que o “melhor português” do Brasil é o falado no Maranhão ou que o português “mais bonito” é o da região Sudeste, ou ainda, que o português “mais correto” é o de Portugal. É importante ressaltar que não há melhor ou pior em qualquer lugar do mundo, e, sim, suas diversas variações. Muitos brasileiros, por desconhecimento do assunto, acabam acreditando em ideias soltas e impostas pela sociedade expondo assim opiniões discriminatórias sobre o tema.

Uma pesquisa etnográfica realizada por Auxiliadora Coelho, em 1998, no sertão de Pernambuco, ilustra essa realidade que podemos chamar de *preconceito linguístico*. Na pesquisa, os moradores de Belém de São Francisco foram interrogados sobre quais brasileiros falam o português mais bonito, se os paulistas ou os nordestinos. Responderam “que a fala do nordestino é muito mais feia, muito mais desagradável e deselegante que a do paulista, evidentemente”. Esta pesquisa publicada no livro *Língua, texto e ensino: outra escola possível* (2009, p. 25) revela que a ideia internalizada pelos entrevistados os faz acreditar que a fala do paulista é mais bonita que a do nordestino favorecendo o discurso de que, quem mora no sul do Brasil fala perfeitamente a língua portuguesa, o que não é verdade, pois, de acordo com Antunes (2009, p. 25), “não existe língua feia ou deselegante; não existe língua que se degrade, que entre em decadência. O que existe é língua que muda, que varia, que incorpora novos sons, novas entonações”.

A língua, como afirma Antunes (2009, p. 21), “deixa de ser apenas um conjunto de signos (que tem um significante e um significado); [...] para definir-

se como um fenômeno social”, pois é por meio dela que se consegue identificar a cultura e a história de um povo. No caso da língua portuguesa, percebe-se a diferença entre a forma de falar de um brasileiro e a de um português, suas características fonéticas (sonoras), e, em alguns casos, a escrita nos faz perceber que, apesar de Portugal e Brasil possuírem o mesmo idioma, ambos conservam suas características sociolinguísticas. Por exemplo, no Brasil a palavra “rapariga” possui significado pejorativo relacionado às prostitutas, enquanto que em Portugal a mesma palavra significa “moça” (feminino de “rapaz”). Percebe-se por meio deste exemplo que há uma *variação linguística*, com foco aqui no nível lexical, entre dois países que possuem o mesmo idioma; neste caso, esta variação é chamada pelos linguistas de *variação diatópica*, ou seja, são, segundo Ilari e Basso (2007, p. 157), “as diferenças que uma mesma língua apresenta na dimensão do espaço, quando é falada em diferentes regiões de um mesmo país ou em diferentes países”.

Este tipo de variação ocorre, também, em cada estado brasileiro. No Maranhão, os habitantes da capital (São Luís), na maioria das vezes, desconhecem certas palavras (e falas) utilizadas por moradores das cidades do interior. Como prova disso, os pesquisadores (e, também, professores da Universidade Federal do Maranhão) do Projeto ALiMA (Atlas Linguístico do Maranhão) realizaram um estudo comparando os falares dos moradores de São Luís em relação aos dos moradores da cidade de Santa Luzia (no interior do estado). Por exemplo, os pesquisadores do ALiMA utilizaram itens lexicais para identificarem o conhecimento dos cidadãos de ambos os municípios em relação a algumas palavras. A palavra “estrela cadente” é conhecida, de acordo com a pesquisa publicada no livro *A diversidade do português falado no Maranhão: o atlas Linguístico do Maranhão em foco* (2006), tanto por moradores de São Luís quanto por aqueles de Santa Luzia, mas as palavras “estrela brilhante”, “estrela se mudando”, “sete-estrela” e “vape”, que possuem o mesmo significado de “estrela cadente”, utilizadas em Santa Luzia, mostraram-se desconhecidas pelos habitantes de São Luís ao serem entrevistados. Isso indica que apesar de as duas cidades estarem localizadas em uma mesma unidade federativa, possuem particularidades linguísticas, pois, segundo Antunes (2009, p. 22):

Pensar numa língua uniforme, falada em todo canto e em toda hora do mesmo jeito, é um mito que tem trazido consequências desastrosas para a autoestima das pessoas (principalmente daquelas de meios rurais ou de classes sociais desfavorecidas) e que tem confundido, há séculos, os professores de língua.

A partir desta citação, podemos depreender que a variação linguística presente na língua portuguesa não depende somente de um grupo social, mas de um conjunto de grupos que ajudaram a formar a identidade linguística de nosso país. No decorrer do presente trabalho, mostraremos que as características linguísticas dos negros africanos e dos povos indígenas foram relevantes para as formações histórica, social e linguística do Maranhão, evidenciando que a variedade da língua presente no estado não depende de uma só língua (o português), mas de outras que ajudaram a construir a identidade linguística desta região.

2 A CONTRIBUIÇÃO DAS LÍNGUAS AFRICANAS E INDÍGENAS NO FALAR MARANHENSE

2.1 A língua africana no Maranhão

O Maranhão e a Bahia, em 2002, foram considerados os estados brasileiros com o maior número de negros no Brasil, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Nesse sentido, não há como negar que a participação do negro africano no desenvolvimento histórico e sociocultural foi de grande importância para a formação da identidade do povo brasileiro. No aspecto linguístico não foi diferente, devido à formação das comunidades negras espalhadas pelo país desde a época da escravidão no Brasil colonial. Os quilombos – locais de fuga de muitos escravizados durante tal período – sobrevivem ao tempo com a ajuda das populações negras existentes, que mantêm os traços históricos, religiosos e linguísticos de seus antepassados. Estes lugares, chamados atualmente de *comunidades quilombolas*, estão espalhados em várias regiões do Brasil, inclusive no estado do Maranhão, onde há 173, sendo “a unidade da Federação que apresenta o segundo maior número de comunidades dessa natureza, só perde para a Bahia que apresenta um total de 245” (Ramos et al., 2010, p. 56). Destas 173 comunidades maranhenses, somente duas serão apresentadas no decorrer deste trabalho: Bom Jesus e Santo Antonio dos Pretos, localizadas, respectivamente, nos municípios de Lima Campos e Codó.

As duas comunidades em questão tornaram-se objetos de estudo nos aspectos linguístico e antropológico. As pesquisas realizadas, na década de 1980, por Olavo Correia Lima e Ramiro Corrêa Azevedo, e publicadas no livro *O português falado no Maranhão: múltiplos olhares* (2010), são de grande importância para a compreensão da formação do falar maranhense por meio da contribuição da língua africana. Estes pesquisadores fizeram, primeiramente, um estudo antropológico, como

método de análise para identificar as características dos dois locais e suas origens; após isso, iniciaram os estudos voltados aos falares de seus moradores.

Segundo Lima e Azevedo (*apud* Ramos et al., 2010, p. 56-57) as duas comunidades

não podem ser consideradas como quilombos, tendo como modelo Palmares, uma vez que elas se formaram após a quebra do comércio maranhense em decorrência da abolição, quando os engenhos e as fazendas foram doados ou abandonados por seu senhor, ficando as terras sob o controle dos antigos escravos. Vale ressaltar que, no Maranhão, as comunidades negras rurais se originaram da desagregação de grandes fazendas antes e depois da Lei Áurea; das doações de terras para ex-escravo; das compras de terras pelos escravos em guerras, como a Balaiaada; e da desagregação das fazendas das ordens religiosas, como Carmelitas, Jesuítas e Mercedários.

Bom Jesus e Santo Antonio dos Pretos, apesar de serem comunidades quilombolas, não têm as características do quilombo de Palmares quanto ao aspecto histórico, pois este, segundo Brandão (1978, p. 4) era uma “célebre república organizada por africanos escravizados [...] que se refugiaram na Serra do Barriga, onde viveram por meio século”, diferentemente do que ocorreu com a formação das comunidades sob análise. A terra onde se localiza Bom Jesus foi doada por um fazendeiro francês aos descendentes de escravizados, que mais tarde formaram a comunidade, enquanto a outra, onde se localiza Santo Antonio dos Pretos, foi “adquirida não por doação, mas por aquisição, por compra” (Ramos et al., 2010, p. 59), ou seja, estas comunidades quilombolas do interior maranhense foram criadas logo após o fim da escravidão, diferentemente de Palmares que se tornou um clã de escravos fugidos na era escravocrata de 1630 a 1697 no estado de Alagoas, de acordo com Ramos (*apud* Brandão, 1978, p. 3).

Foram registradas análises e características do falar destas comunidades (por meio de entrevistas orais) no aspecto morfosintático. Em Santo Antonio dos Pretos e em Bom Jesus também ocorre esta mesma variação da seguinte forma (cf. Ramos et al., 2010, p. 61):

(01)... us padre mora em Sun Luís...

(02)... criá meus filhu...

- (03)... os Jovi não sabe da historia...
- (04)... os pessoal era assim...
- (05)... eles mesmo sabe contá muitas coisa...
- (06)... parece que é quatro ano...
- (07)... foi fundado através dos moradó...
- (08)...passaru uns dois dia lá...
- (09)... umas oitenta casa...

As análises feitas pelo grupo de pesquisadores do projeto ALiMA nos revelam a ausência de concordância número-pessoal na fala dos moradores entrevistados, uma das características linguísticas deixadas pelos africanos durante o processo de desenvolvimento histórico do Brasil. De acordo com Mendonça (*apud* Ramos et al., 2010, p. 60), “é na morfologia que o negro nos deixou apenas vestígios, dada a profunda diferença existente entre as línguas indo-europeias e as africanas. Entretanto, esses vestígios marcaram uma das diferenças entre o português brasileiro e o português europeu (PE)”.

Como pudemos observar, a contribuição da língua africana no Maranhão foi de grande relevância para a formação da identidade linguística no estado. Não podemos esquecer que os estudos linguísticos são acompanhados de investigações históricas e socioculturais, que são um dos meios importantes para a análise da trajetória linguística de uma determinada comunidade, como foi verificado ao estudarmos as características linguísticas das duas comunidades quilombolas. A partir daí, observamos o seguinte: a variação da língua não pode ser confundida com erro gramatical, pois a primeira consiste somente nos diferentes modos de falar dentro de uma mesma região com o mesmo idioma, enquanto a gramática normativa classifica as diferenças entre o que é dito e o que é escrito, tomando, indevidamente, o escrito como parâmetro de correção.

Em seguida, demonstraremos a importância da língua indígena e de suas contribuições no falar maranhense. Não podemos esquecer que antes dos europeus e dos africanos já havia no Brasil os primeiros grupos de falantes: os indígenas.

2.2 A língua indígena no Maranhão

Segundo a classificação tipológica de August Schleicher (*apud* Câmara Júnior, 1977, p. 109), a língua humana decorre da divisão de três classes: isolante, flexional e aglutinante. De acordo com ele:

as línguas isolantes são aquelas em que o vocabulário fonético se reduz a uma única forma mínima, que é, pois, uma forma livre; que as aglutinantes são aquelas em que o vocabulário fonético resulta de uma reunião de formas livres (isto é, elas se aglutinam frequentemente, continuando, porém, com capacidade de se usarem isoladas em frase); e que as línguas flexionais são aquelas em que o vocabulário se constitui de formas presas, o que quer dizer que as formas mínimas ou são genuinamente ‘presas’, ou, quando originariamente ‘livres’, sofrem um processo de adaptação para se reunirem em vocábulo.

A língua brasileira é identificada em quatro famílias: Tupi, Jê, Aruak e Karíb, sendo a primeira também chamada de Tupi-guarani, a mais predominante, dada sua extensão territorial para o Sul. Segundo Câmara Júnior (1977, p. 99):

O primeiro contacto da ciência ocidental com as línguas indígenas no Brasil foi através dos missionários nos primeiros tempos da colonização. Esse contacto caracterizou-se por outros aspectos que tiveram consequências muito importantes, de grande repercussão, no desenvolvimento posterior dos estudos.

Tal foi primeiramente caracterizado como dado com as tribos Tupi da Costa, visto que apresentavam semelhanças entre si. Nesse contexto, a Tupi, em movimento migratório, veio do Sul, expulsando tribos anteriores que ocupavam o litoral. Em uma visão preconceituosa, todas as línguas indígenas eram desprezadas pelos portugueses, assim como eram pelos próprios Tupi, que as incluíam no grupo geral, chamado Tapúya, que significa “inimigos bárbaros”. A primeira impressão causada aos missionários era uma “língua travada”, isto é, difícil de pronunciar, uma língua anômala.

Ao assimilá-lo e interpretá-lo, naturalmente, os missionários se interessaram cada vez mais pelo idioma, e, deste modo, criou-se uma noção geral de que o Tupi seria o verdadeiro exemplo típico das línguas indígenas do Brasil. Isso foi impulsionado, segundo Câmara Júnior (1977, p. 100), “pela literatura de Gonçalves Dias, em seu poema ‘Y-Jucá-Pyrama’”. É ambientado entre os índios Timbiras, “portanto um grupo Jê, usa um vocabulário, para cor local, todo tirado do Tupi, inclusive o próprio título da poesia, que é a denominação atribuída ao prisioneiro, a qual – como explica o poeta – significa ‘aquele que vai morrer’”. (1977, p. 100)

Não há dúvidas que o Tupi trabalhado pelos missionários se impôs aos próprios indígenas aculturados e em muitas tribos houve a substituição da língua nativa, às vezes até não-Tupi, propagando-se para certos grupos mestiços, o que fortaleceu o amplo vocabulário do português brasileiro.

Sob o ponto de vista histórico, o primeiro contato linguístico no Maranhão entre falantes indígenas e não indígenas deu-se por meio do comércio, de modo amplo. O mercado ilegal de pau-brasil e de iguarias foi o precursor. Nessas situações, as línguas indígenas possuíam e ainda possuem a mesma diversidade linguística, visto que, em meio ao domínio do povo conquistador, mantiveram-se preservadas as diversidades.

Conservar seus costumes, sua cultura e seus hábitos são provas de que o legado indígena ainda se faz presente em nosso dia a dia. É comum observar que uma das maiores contribuições para o Maranhão está nas tipologias toponímicas, principalmente a relacionada ao espaço físico, como praias, acidentes geográficos, além de nomes de animais, frutas, plantas, sem falar do vocabulário que encontramos na gastronomia maranhense.

Essa tipologia pode ser compreendida da seguinte maneira:

Hagiotopônimos: formados a partir de nomes de santos;

Litotopônimos: de origem mineralógica ou geológica;

Fitotopônimos: remetem à flora (árvores, flores, frutos);

Zootopônimos: de natureza animal;

Hidrotopônimos: de natureza hidronímica;

Antropotônimos: constituídos com base designativos pessoais.

Analisando a explicação de Dick (2010a, p.114-115), a seguir, podemos entender os significados de vários nomes de bairros, árvores e frutos, por exemplo, utilizadas na capital do Maranhão:

- A palavra *Bacanga*, como é chamado um bairro em São Luís, significa “galhos com frutos”; nesse caso podemos classificar essa palavra como um fitotopônimo.
- *Camboa*, também um bairro de São Luís, significa “lago artificial à beira do mar cercado por uma estaca de paus e pedras”. Nesse caso, tal palavra entra na classificação dos hidrotopônimos.

- *Itaqui*, nome do maior porto do Maranhão, significa “pedra de amolar, a pedra que aguça, afia”. Podemos classificá-la como um litotopônimo.
- *Turu*, também nome de um bairro de São Luís, é uma “espécie de molusco do Pará”, sendo um zootopônimo.

A presença desses povos indígenas no estado do Maranhão é marcada sob dois aspectos: o científico e o sociopolítico. No que se refere ao primeiro, tem-se como conhecimento científico a compreensão da natureza da língua humana, procurando entender como ocorreram as manifestações da linguagem. Quanto ao segundo, luta-se pela preservação das línguas e cultura indígena, construindo um possível diálogo com outras sociedades. Prova de tal diálogo é a introdução de palavras e expressões no falar maranhense.

Segundo a história brasileira, no século XVII a população indígena no Maranhão era de aproximadamente 250 mil pessoas, composta por cerca de trinta etnias, sendo que a maioria hoje foi exterminada. Povos como os Tupinambá, que habitavam o que hoje é a capital do estado, os Bárbaros, os Amanajó, os Tremembé, os Araioses, os Kapietrã, entre outros, foram exterminados ou tiveram sua cultura dissolvida.

Apesar do desaparecimento de vinte dos trinta povos indígenas que habitavam o estado, é notório que esse substrato linguístico ainda se faz presente entre habitantes indígenas e não indígenas. Em sentido amplo, temos como contribuição a medicina natural, a cosmologia e aspectos religiosos, além de evidências na variação linguística. Por exemplo, a palavra *poré*, que significa “dinheiro” nas línguas dos Kanelas, ainda hoje é usada por maranhenses, principalmente os moradores de Barra do Corda.

Como pudemos observar, a contribuição da língua indígena no Maranhão é muito forte, presente em nomes de bairros e lugares que os maranhenses conhecem, mas não sabem seu significado. Estas pesquisas nos mostram que a língua indígena continua viva ao lado das outras que formaram o português falado pelo povo do estado.

3 AS CARACTERÍSTICAS DA FALA DO MARANHENSE

Antunes (2009, p. 23) afirma que “Nossa língua está embutida na trajetória de nossa memória coletiva. Daí, o apego que sentimos à nossa língua, ao jeito de falar de nosso grupo. Esse apego é uma forma de selarmos nossa adesão ao grupo.”

Com base na obra *Pequeno dicionário popular do Maranhão*, de José Raimundo Gonçalves, tem-se um trabalho que busca, em primeiro momento, chamar atenção dos estudiosos em relação ao modo de falar dos maranhenses e, evidente, aprofundar o assunto. Com isso, faz-se aqui presente algumas das lexias que os maranhenses usam em seu cotidiano, tais como:

- ALUADO – doído, psicopata
- ANGU – (ú) briga, confusão
- AVUADO(A) – assanhado (a), cabeça de vento
- BARÔA – mulher rica, abastada
- BIRÔLA – vertigem, desmaio
- BIRIBA – bicicleta
- CAÉ – mau-olhado, azar
- CARA-DURA – renitente, sem pudor
- CARUDO – desarvergonhado
- DIERÁQUE – sem vez, sem possibilidade
- DIJAJINHO – já, agora, neste instante
- DORDOLHO – (ó) irritação nos olhos com inflamação nas pálpebras
- ENGASGUELAR – ato de enrolar a linha na pipa involuntariamente
- ESCRITINHO – tal e qual
- ÉSSE – dito popular muito comum que significa espanto ou admiração
- FAROFEIRO – mentiroso
- FIÚZA – espreira, desconfiança
- FOBAR – contar vantagem
- GATIMONHA – careta, trejeito facial
- GOJOBA – coisa sem valor, inútil
- GRODE – dose de bebida alcoólica
- INTRUJÃO – Elemento metidiço, atrevido
- JAÚ – mal vestido
- JOÇA – coisa sem valor
- LEVA-E-TRAZ – pessoa fuxiqueira
- LOROTA – conversa fiada, mentira
- MACAQUINHO – espécie de libélula

MAFUÁ – lugar de má fama e sujo
NÊGA-DO-LEITE – mulher faladeira
NIGRINHA – muleca, pequena sapeca
PAPAGAIO – pipa
QUALIRA – homossexual masculino
ZANIR – bater perna, andar a esmo

Podemos analisar nestas lexias um processo semântico que identifica a fala do maranhense no dia a dia, demonstrando que a análise da língua vai muito além da escrita, abrindo espaço aos aspectos sócio-históricos. Antunes (2009, p. 23) explica que a língua nos apresenta aos outros e revela nossa identidade por meio da fala como se fosse um atestado comprovando de onde somos. Estudar a língua significa analisar sua história e seu contexto social dentro de uma comunidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, buscamos analisar os traços do falar maranhense a partir da ideia de língua e suas variações, pois entende-se que o conceito de língua é abrangente e não se remete somente à ideia de escrita e fala, mas a contextos históricos, sociais e antropológicos. Vimos que a língua portuguesa do Brasil passou por grande evolução no decorrer dos anos, sendo isto um fator importante em suas características atuais e revelando sua trajetória por meio de aspectos diacrônicos (através dos tempos) e por meio da contribuição linguística dos povos (indígenas e não indígenas) que ajudaram a construir a história de nosso país, desde a era colonial e durante o século XX com a vinda de imigrantes europeus fugidos das duas grandes guerras.

Discutimos as variações linguísticas que ocorrem entre algumas cidades do interior e a capital do Maranhão (São Luís) por meio de pesquisas realizadas pelo ALiMA. Retratamos também estudos linguísticos e antropológicos relacionados às comunidades quilombolas de Bom Jesus e Santo Antonio dos Pretos, que, por meios históricos, revelam a contribuição da língua africana no falar maranhense e as características linguísticas da fala da zona rural do estado.

Pudemos observar, também, que a língua indígena continua viva e presente em nossos falares, quando pedimos informações a respeito da localização de bairros (Camboa, Turu etc.) ou quando alguém vai todos os dias ao porto (Itaqui)

para trabalhar. São palavras do dia a dia que não percebemos que são de origem indígena.

Observou-se que dentro de um mesmo território há diversas formas de falar que caracterizam as diferentes regiões do país e dentro do próprio estado do Maranhão. Isso nos mostra que a língua falada em determinado(s) lugar(es) pode obter uma variação, que no aspecto linguístico se caracteriza como um sistema heterogêneo. Os estudos realizados no Brasil e no Maranhão (por meio dos atlas linguísticos) nos proporcionam maior entendimento da língua que falamos, e pudemos analisar isso quando tratamos de algumas lexias utilizadas pelos maranhenses publicadas em um pequeno dicionário popular, que caracteriza traços do falar do povo do Maranhão. Não podemos esquecer, contudo, que a cada dia surgem novos estudos voltados a estes traços linguísticos, que devem ser trabalhados e discutidos com mais atenção pelos pesquisadores.

REFERÊNCIAS

Antunes I. Língua, texto e ensino: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial; 2009.

Brandão T. Quilombo: cadernos de folclore. Rio de Janeiro: FUNARTE; 1978.

Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2010. Brasília: IBGE; 2010. Disponível em:<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>>. Acesso em: 11 set. 2015

Câmara Júnior JM. Introdução às línguas indígenas brasileiras. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico S/A-Indústria e Comércio; 1977.

Carneiro JD. Povos e línguas indígenas no Maranhão: contato linguístico [tese]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2014.

Gonçalves JR. Pequeno dicionário popular do Maranhão. São Luís: Gráfica da Universidade Federal do Maranhão; 1994.

Ilari R, Basso R. O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto; 2007.

Ramos CMA, Rocha MFS, Bezerra JRM. A diversidade do português falado no Maranhão: o atlas linguístico do Maranhão em foco. São Luís: Edufma; 2006.

Ramos CMA, Rocha MFS, Bezerra JRM. O português falado no Maranhão: múltiplos olhares. São Luís: Edufma; 2010.

Ramos CMA, Rocha MFS, Bezerra JRM. O português falado no Maranhão: estudos preliminares. 2. ed. São Luís: Edufma; 2010a.

Recebido em: 24/09/2015

Aceito em: 08/12/2015
